

**empreendedorismo e turismo de base comunitária:  
a experiência da associação de catraieiros de alter do chão<sup>1</sup>**

**community-based entrepreneurship and tourism:  
the experience of the alter do chão boatsman association**

*Rosinete Santos dos Reis*

Integrante do grupo de pesquisa Direito à Cidade  
Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)  
Santarém, PA

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-6265-9757>

*Dorival Bonfá Neto*

Membro do Núcleo de Estudos sobre Espaço, Política e Emancipação Social  
Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)  
Santarém, PA

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7570-5441>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.20182954>

**Resumo:** Este trabalho analisa a experiência dos catraieiros de Alter do Chão (PA), trabalhadores que atuam no transporte de moradores e turistas, por meio do turismo de base comunitária, contribuindo para a sustentabilidade socioambiental e manutenção cultural do território. Dornelas (2018) destaca que o empreendedor é um agente de transformação social capaz de identificar oportunidades e gerar soluções criativas e sustentáveis, inclusive em contextos comunitários, como é o caso dos catraieiros. Para a construção deste trabalho, foi utilizada uma abordagem qualitativa, com técnicas de pesquisa como entrevistas com roteiro semiestruturado, levantamento e análise documental e observação participante a partir da experiência da autora deste artigo, que atuou como Secretária da Associação dos Catraieiros de Alter do Chão entre os anos de 2004 e 2006. A pesquisa evidenciou a importância dos catraieiros, que desde 1980 contribuem para o desenvolvimento e fortalecimento de um turismo sustentável, de base comunitária, bem como para a subsistência de diversas famílias locais.

**Palavras-chave:** (1) Amazônia brasileira; (2) Associativismo; (3) Catraieiros; (4) Empreendedorismo social; (5) Turismo de base comunitária.

**Abstract:** This work analyzes the experience of the boatmen of Alter do Chão (PA), workers who operate in the transportation of residents and tourists through community-based tourism, contributing to socio-environmental sustainability and the cultural maintenance of the territory. Dornelas (2018)

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão desse artigo foi publicada no *Anais do 22º Encontro Nacional de Estudantes do Campo de Públicas*. Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: <https://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/136017>. Acesso em: 26/01/2026. A atual versão foi revisada e ampliada.

highlights that the entrepreneur is a social transformation agent capable of identifying opportunities and generating creative and sustainable solutions, including in community contexts, as is the case with the boatmen. For the construction of this work, a qualitative approach was employed, utilizing research techniques such as semi-structured interviews, documentary survey and analysis, and participant observation based on the experience of the author of this article, who served as Secretary of the Alter do Chão Boatmen Association from 2004 to 2006. The research evidenced the importance of the boatmen, who since 1980 have contributed to the development and strengthening of sustainable, community-based tourism, as well as to the subsistence of numerous local families.

**Keywords:** (1) Brazilian Amazon; (2) Associativism; (3) Boatmen; (4) Social entrepreneurship; (5) Community-based tourism.

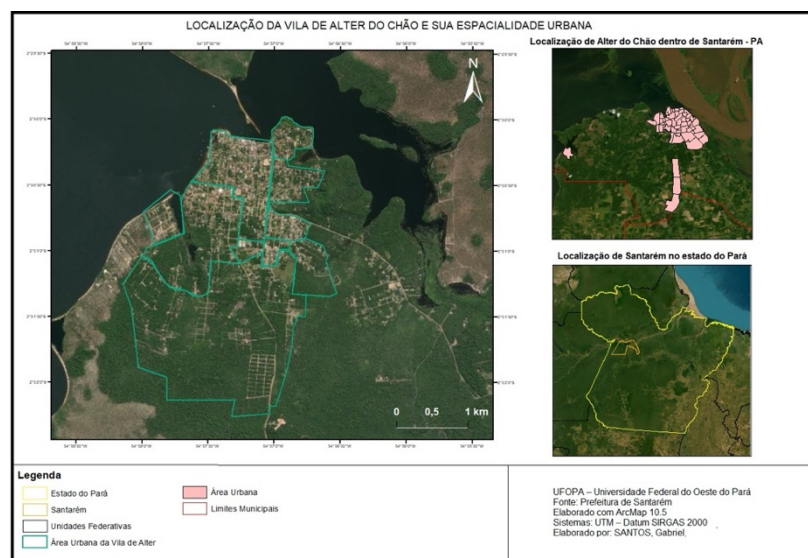
## Introdução

Situada no município de Santarém, à margem direita do rio Tapajós, no oeste do estado do Pará, a 34 km da sede municipal e acessível pela PA-457 (Rodovia Everaldo Martins), a vila de Alter do Chão destaca-se como um dos destinos turísticos mais procurados da Amazônia brasileira. Conhecida por suas belas praias de água doce, que proporcionam um “turismo de sol e praia” (HIERNAUX 2006), a localidade também exibe rica expressividade sociocultural. Elevada à categoria de vila em 1758, durante o governo do Marquês de Pombal na Província do Grão-Pará (1750-1777), recebeu o nome de uma vila existente em Portugal — medida ordenada por Pombal para que todas as vilas e povoados do rio Amazonas adotassem topônimos lusitanos.

Do ponto de vista jurídico e geopolítico institucional, Alter do Chão é um distrito do município de Santarém, com cerca de 8.000 habitantes segundo estimativas da prefeitura municipal. Trata-se de uma Área de Proteção Ambiental (APA), declarada pela Lei Municipal nº 17.771/2003, e patrimônio cultural de natureza material e imaterial do estado do Pará, conforme a Lei Estadual nº 9.543/2022. Para o povo Borari, porém, é a aldeia central e maior do território indígena Borari, que abrange quatro aldeias — Alter do Chão, Caranazal, Karanã e Curucuruí —, cada uma com lideranças indígenas indicadas pelos próprios moradores (NEPES 2025).

O território do distrito é ocupado majoritariamente pelo bioma amazônico, mas abriga enclaves de savana, como a Serra da Piroca, seu ponto mais alto e referência sagrada para o povo Borari, guardada por encantados e protetores como as mães d'água. Esses enclaves favorecem a biodiversidade amazônica, mantida graças às práticas de manejo sustentável dos povos indígenas e ribeirinhos.

**Figura 1 – Mapa da localização de Alter do Chão (Santarém-PA)**



**Fonte:** Elaborado por Gabriel Santos, 2025.

Apesar de sua projeção nacional e internacional como destino turístico, Alter do Chão permanece um território indígena, no qual práticas tradicionais e o modo de vida comunitário coexistem com os desafios e oportunidades da expansão do turismo predatório (NEPES 2025).

Nesse contexto, o Turismo de Base Comunitária (TBC), como o praticado pelos Catraieiros de Alter do Chão, tem se consolidado como uma estratégia alternativa de desenvolvimento que valoriza os saberes locais, promove o protagonismo comunitário, a economia solidária e o fortalecimento das identidades territoriais. O turismo de base comunitária é uma prática em que

*... a comunidade é a proprietária e gestora dos empreendimentos turísticos voltados para a valorização da identidade, do lugar e do ambiente. Esse turismo também se associa com a luta pela posse territorial (BONFÁ NETO et al. 2023: 24).*

“Catraieiros” é o nome que descreve o trabalho realizado por homens que utilizam pequenas embarcações artesanais de madeira, conhecidas por catraias, para transportar turistas até o outro lado da praia, em frente à orla, onde fica a chamada “Ilha do Amor”. O trabalho foi considerado um patrimônio histórico e cultural de Santarém-PA. A Ilha do Amor é uma ponta de areia que permanece visível o ano inteiro, mas durante o período de cheia, suas áreas mais baixas ficam cobertas pela água, assim como as barracas construídas de palha, também conhecidas como “malocas”, que vendem comidas e bebidas aos visitantes, principalmente aos fins de semana.

Rodrigues (2024) afirma que o TBC se trata de uma prática construída coletivamente, que articula modos de vida, saberes tradicionais e resistência cultural. Segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO 2018), o TBC é um modelo de turismo estruturado na coletividade das comunidades locais. Entretanto, mesmo que esta modalidade represente uma expressão do turismo comunitário, fortaleça a cultura, o trabalho coletivo organizado e a tradição, os Catraieiros vivenciam múltiplos desafios ao realizarem o trabalho braçal de travessia, sobretudo no que tange à ausência de políticas públicas que apoiem esses trabalhadores.

A escolha por investigar esse tema se justifica pela importância da atividade dos catraieiros no contexto do turismo local e por se tratar de uma organização comunitária que integra a cultura e o modo de vida de Alter do Chão, considerados Patrimônio Cultural, Histórico e Imaterial de Santarém, pela Lei Municipal nº 21.490/2022<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2022/04/05/catraieiros-sao-reconhecidos-como-patrimonio-historico-e-cultural-imaterial-de-santarem.ghtml>. Acesso em: 04/08/2025.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivos: (1) descrever a experiência da Associação dos Catraieiros como prática de Empreendedorismo Comunitário e de Turismo de Base Comunitária, (2) apresentar o histórico e a organização da Associação dos Catraieiros, bem como (3) identificar os principais desafios e estratégias dos catraieiros na manutenção de uma atividade que dinamiza a economia local de forma endógena.

Portanto, para compreender como a Associação dos Catraieiros atua diante dos desafios para se manter no mercado frente à ausência de políticas públicas e às pressões do turismo de massa, torna-se fundamental a discussão sobre essa atividade, ampliando o debate sobre formas mais justas de incentivo ao empreendedorismo local.

### **O turismo de base comunitária (TBC)**

O empreendedorismo emerge como uma alternativa de geração de renda e fortalecimento da autonomia local. Dornelas (2018) destaca que o empreendedor é um agente de transformação social capaz de identificar oportunidades e gerar soluções criativas e sustentáveis, inclusive em contextos comunitários.

Silva Junior (2021) destaca que o empreendedorismo não apenas promove a criação de novos negócios, mas também fortalece a economia local, estimula a inovação e favorece o desenvolvimento sustentável nas comunidades.

Nesse sentido, o Turismo de Base Comunitária (TBC) é um modelo de gestão da atividade turística protagonizado pela comunidade, gerando benefícios coletivos, promovendo a vivência intercultural, a qualidade de vida, a valorização da história e da cultura dessas populações, bem como a utilização sustentável para fins recreativos e educativos, como demonstra o artigo de Bonfá Neto *et al.* (2023).

Rios & Barros (2021) afirmam que o Turismo de Base Comunitária constitui uma modalidade de desenvolvimento turístico caracterizada pelo protagonismo da comunidade na concepção das atividades e na deliberação de decisões ao longo de todas as fases do processo.

Para Zanetoni *et al.* (2019), entre vários modelos de turismo, o TBC se destaca por agregar valor para a região e suas populações, buscando assim valorizar os aspectos socioculturais do ambiente em que trabalha. É nesse ambiente que se envolvem outros agentes, que fazem parte do chamado linguajar administrativo de “ecossistema de negócio”; esses agentes podem influenciar o desempenho dos empreendimentos de diversas formas.

Portanto, os conceitos de empreendedorismo de base comunitária se entrelaçam na experiência dos catraieiros de Alter do Chão, na construção do desenvolvimento baseada na cooperação, no pertencimento e na sustentabilidade.

## Metodologia

Para a construção deste trabalho, utilizou-se uma abordagem qualitativa, com técnicas de pesquisa como entrevistas com roteiro semiestruturado, levantamento e análise documental e observação participante, a partir da experiência da autora, que atuou como secretária da associação entre 2004 e 2006.

As entrevistas foram realizadas durante o primeiro semestre de 2025 com quatro associados: o Sr. António Sardinha, atual presidente da associação, um associado, filho do primeiro presidente, Cidelme Costa Pimentel, que partilhou memórias e arquivos do pai. Outra entrevista foi com o segundo presidente, o Sr. Gregório de Farias, hoje com 80 anos de idade, já aposentado, e com um sócio e catraieiro de 80 anos, o Sr. José Antônio da Costa, que foi catraieiro por mais de 40 anos, e em 2024 teve que deixar o serviço devido às condições de saúde.

Além das entrevistas, foram analisados documentos, como a *Ata de Fundação da Associação* e registros fotográficos, tanto dos momentos das entrevistas quanto da atuação dos catraieiros em seu cotidiano, especialmente durante o horário de travessia da Orla de Alter do Chão para a Ilha do Amor.

A Travessia para a Ilha do Amor, segundo o Sr. Antônio Cleydson, é o principal atrativo turístico de Alter do Chão. O trabalho realizado pelos catraieiros, que transportam pessoas de um lado para o outro da praia do Lago Verde, “remando” em pequenas embarcações chamadas catraias. Esse tipo de remo, também conhecido como “faias”, é produzido artesanalmente com madeira de árvores específicas, como *Tapiripica*, *Marupá* e *Envira-preta*.

**Figura 2 – Catraieiros aguardando para fazer a travessia da Orla para a Ilha do Amor. Lago Verde, Orla central de Alter do Chão**



**Fonte:** Dorival B. Neto, 07/08/2025.

O emprego desses materiais visou complementar a narrativa oral, enriquecendo a análise com registros fotográficos (Bonfá Neto, 2022). Ademais, a metodologia adotada procurou reconhecer e valorizar os sujeitos locais, bem como a memória oral por eles detida.

As fotografias abaixo mostram os momentos das entrevistas, bem como os sujeitos entrevistados.

**Figura 3 – Entrevista com o Sr. Gregório de Farias**



Fonte: Fotógrafa(o) não identificada(o), 19/05/2025.

**Figura 4 – Entrevista com o Sr. José Antônio**



Fonte: Fotógrafa(o) não identificada(o), 19/05/2025.

## Resultados e discussão

### A associação de catraieiros de Alter do Chão

A Associação dos Catraieiros de Alter do Chão é um exemplo de empreendimento comunitário organizado coletivamente que carrega a identidade local, gera renda de forma autônoma e enfrenta muitos desafios. Nos últimos anos, a Associação tem sentido os impactos decorrentes da ausência de políticas públicas voltadas ao turismo de base comunitária. Apesar de toda essa cultura expressiva do trabalho artesanal desenvolvida pelos catraieiros, do desenvolvimento turístico e da conservação ambiental, as ações governamentais muitas vezes não alcançam as bases comunitárias, deixando associações, como a dos Catraieiros de Alter do Chão, sem o apoio necessário para seu fortalecimento.

Vale ressaltar que eles enfrentam dificuldades financeiras que não se restringem somente à renda individual, pois elas também afetam os investimentos na sede da associação, nas condições de trabalho e no apoio aos próprios associados. Assim como nos períodos de baixa temporada, quando a água do rio seca, eles ficam por mais de seis meses sem trabalho e buscam outros tipos de serviços como pedreiros, caseiros, garçons, entre outros, para manter as contas em dia e o sustento da família.

**Figura 5 – Terminal de embarque e apoio da Associação de Catraieiros. Centro de Alter do Chão**



Fonte: Dorival B. Neto, 07/08/2025.

Nesse sentido, o turismo de base comunitária exercido pelos catraieiros distingue-se do turismo convencional (HIERNAUX 2008) não apenas pela natureza artesanal e tradicional de seu trabalho, mas, sobretudo, por se fundamentar nos vínculos afetivos e sociais da comunidade local, pelo respeito às suas tradições, pela participação ativa em ações sociais em benefício coletivo e pela imersão cotidiana na realidade vivenciada pelos moradores.

De acordo com as entrevistas obtidas por alguns dos primeiros catraieiros da associação, como citado acima na metodologia, Gregório de Faria foi o segundo presidente da Associação, ele fez um breve relato da história:

*Tudo começou em 1980, no dia 22 de fevereiro, com uma brincadeira de moleque. Eles iam para a beira do rio tomar banho e por lá ficavam pulando na água e quando aparecia alguém querendo ir pro outro lado da ilha, eles se ofereciam para levar nas canoas que sempre ficava nos “mourões” nome que se dá a uma vara de pau que é fincada para segurar as canoas que ficam amarradas por uma corda lá na beira do rio, e assim eles ficam durante a semana. O tempo foi passando, e o que começou como uma brincadeira foi dando certo, viram que a ideia de atravessar pessoas nas canoas para a Ilha do Amor era interessante e que poderiam ganhar dinheiro com isso, visto que não havia outro meio de ir para o outro lado da ilha.*

Diante disso, os comunitários passaram a se organizar. Antes da atuação de Vanderlei Viana, outro morador contribuiu para a organização inicial, mas não deu continuidade ao processo. Posteriormente, os comunitários convidaram o Sr. Vanderley Viana Pimentel (já falecido), que, naquele período, formou uma comissão de moradores nativos e começou a articular o trabalho de travessia por meio de canoas para o outro lado da ilha com os “moleques” que gostavam de “catraiar”. Como ainda não havia uma organização institucional, foi criada uma comissão que, posteriormente, decidiu eleger um coordenador, o Sr. Vanderley Viana. Cideme Costa, filho de Vanderley Viana, contou-nos que seu pai havia dito: “... no início, eles utilizavam as canoas a remo em troca da travessia, eles ganhavam alguns objetos, não tinham preço”.

Conforme os associados entrevistados e os documentos apresentados, os comunitários viram uma oportunidade de trabalho rentável para ajudar algumas famílias que não tinham outras oportunidades de trabalho e precisavam sustentar os filhos. A partir daí, inicia-se a organização de um serviço de transporte fluvial, realizado por pequenas embarcações, conhecidas como canoas ou localmente como “catraias”.

Outro relato foi feito pelo Sr. José Antônio, que compartilhou uma lembrança marcante: “... naquela época não tinha outro tipo de embarcação,

*a não ser o barquinho do Simão, que era quem fazia viagens, levando times de futebol até as comunidades e realizando passeios”.*

Pimentel (2011) descreve que um dos fatores importantes para acelerar a regulamentação da catraia foi por causa do problema que era o valor cobrado, pois não existia uma tabela com os preços do serviço e não havia organização na hora de deixar as canoas na beira do rio, não havia fila e cada um que chegava ia colocando a sua catraia. O que se sabe é que, naquele tempo, cada travessia custava, em média, CR\$1,00 (um cruzeiro). Os turistas eram disputados. Sempre ganhava aquele que tinha a maior catraia (canoa) e não havia controle de lotação de passageiros. A lotação era de acordo com o que a embarcação aguentava.

Os anos foram passando e à medida que a Associação crescia, viu-se a necessidade de regularizar a situação de acordo com a legislação vigente. Foi então que ocorreu a primeira eleição para presidente da Associação, sendo eleito o Sr. Vanderley Viana (já falecido). A partir de então, a situação foi melhorando e passou a impulsionar o turismo sustentável, sempre mantendo tradições, como o uso de faias (tipo de remo) com argolas de ferro, colocadas à beira da canoa para a prática da ramagem.

De acordo com os relatos dos entrevistados, os catraieiros sempre estiveram presentes nos movimentos sociais da vila e a catraia tornou-se bastante conhecida devido ao trabalho comunitário. Com isso, a associação passou a aprimorar sua organização para conseguir apoio financeiro, visto que precisava melhorar o serviço que antes não era tão visibilizado, e iniciou um processo de padronização.

### **Da organização, cooperação e construção coletiva**

Segundo Pimentel (2011), a criação da Associação dos Catraieiros exigiu esforço coletivo de diversas pessoas comprometidas com a causa. Em 14 de outubro de 2002, foi elaborado o estatuto da entidade e, após sua aprovação por 42 pessoas presentes, conforme registrado em ata, realizou-se a primeira eleição, elegendo o Sr. Vanderley Viana como o primeiro presidente.

*A Associação está toda legalizada com Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e funciona dentro dos amparos legais, ou seja, rigores da Lei. Podendo assim, firmar contratos com entidades públicas ou privadas, receber repasse de dinheiro de projetos, patrocínios, reivindicar melhorias em prol da associação e comunidade em geral (PIMENTEL 2011: 21).*

Atualmente, a Associação é composta por homens (grande maioria) e mulheres, totalizando 100 (cem) associados, devidamente cadastrados em conformidade com as normas internas e estatutárias. Além disso, existem mais 38 (trinta e oito) pessoas que exercem o serviço apenas como

catraieiros (mas que não possuem canoas próprias), oriundas de outras comunidades ribeirinhas próximas de Alter do Chão, que vêm em busca de trabalho e procuram a Associação para trabalhar.

Para atuar como catraieiro, além de estar devidamente associado, é necessário cumprir determinadas obrigações coletivas. Entre elas, a participação na limpeza da praia realizada semanalmente, a colaboração em mutirões de limpeza no cemitério local, sempre que convocados, além da contribuição de uma mensalidade para manter o funcionamento da associação. Essa contribuição, que antes era de R\$ 5,00 (cinco reais), foi reajustada de acordo com a participação dos sócios em reunião de assembleia geral e passou para R\$ 10,00 (dez reais) durante o período de baixa temporada e para R\$ 20,00 (vinte reais) na alta temporada para ajudar a custear despesas como energia elétrica, manutenção da sede, regularização documental (CNPJ e taxas mensais) e demais necessidades administrativas. Além disso, a tarifa cobrada pela travessia também foi reajustada e, atualmente, varia entre R\$ 10,00 e R\$ 15,00 (dez e quinze reais), dependendo do ponto de desembarque, configurando-se uma importante fonte de renda tanto para a associação quanto para os catraieiros.

No que diz respeito à conduta profissional, é expressamente proibido o uso de bebidas alcoólicas durante o horário de trabalho. Caso essas ou outras normas sejam descumpridas, tanto o associado quanto o contratado podem sofrer advertência ou suspensão, conforme regime interno da entidade. Além disso, o catraieiro deve estar devidamente uniformizado, obedecer ao critério de fila para embarque e desembarque, usar coletes e respeitar o total de lotação e o valor da travessia, conforme mostra a **Figura 6**.

**Figura 6 – Catraieiros devidamente uniformizados e organizados em fila única. Lago Verde, Orla central de Alter do Chão**



**Fonte:** Rosinete Reis, 21/09/2025.

Além da travessia, principal atrativo que é feita da Orla de frente a Vila para a Ilha do Amor, os catraieiros historicamente sempre fizeram e fazem passeios até outras pontas de praias ao redor do lago verde como a Ponta Valéria, Floresta Encantada, Igarapé do Macaco, Lago do Jacundá, Ponta do Cururu, Muritiapina, Pirarucurí, trilha da Serra da Piroca, Ilha de Santana e Lago do Carauarí, proporcionando aos visitantes uma experiência imersiva no território, conforme a demanda e disponibilidade das canoas. Esses pontos de destino fazem parte da organização que estabelece critérios para garantir a segurança dos passageiros, o respeito ao meio ambiente e a valorização da cultura local, como ilustrado na **Figura 7**, a seguir.

**Figura 7 – Folder sobre a catraia com ilustração dos locais de passeio**



**Fonte:** Associação dos Catraieiros de Alter do Chão, 2025.

Ressalta-se que a autora desse artigo atuou como secretária da Associação entre 2004 e 2006 e como associada da entidade. Essa vivência possibilitou acompanhar de perto os processos organizativos da entidade, incluindo a participação em reuniões, a elaboração e o registro de atas,

bem como a participação em eventos, na criação da identidade visual da logomarca (**Figura 8**), que atualmente aparece em destaque no uniforme oficial dos catraieiros. A autora também articulou, pela primeira vez, a participação da Associação no desfile cívico de 5 de setembro, promovido pela Escola Indígena Borari de Alter do Chão.

Atualmente, a Associação é uma referência do turismo de Base Comunitária e conta com o engajamento de seus associados. A atuação direta como sócia permitiu acompanhar as dificuldades enfrentadas para consolidar o empreendedorismo coletivo, como a falta de apoio financeiro e ausência de políticas públicas voltadas à economia local.

**Figura 8 – Logomarca da Associação dos Catraieiros de Alter do Chão**



**Fonte:** Instagram da Associação (@catraieirosdealter), 2026.

Recentemente, de acordo com o Sr. Antônio Sardinha:

*Em fevereiro de 2025, a associação participou pela primeira vez do bloco da catraia, inserido na programação cultural da prefeitura municipal na orla de Alter do Chão. E isso é um orgulho pra nossa associação. Conseguimos cestas básicas e, hoje em dia, a gente movimenta nossa própria sede com campeonatos e festas.*

Para os catraieiros, participar pela primeira vez da programação oficial de carnaval promovida pela Prefeitura Municipal de Santarém no Carnaval de 2025, com um bloco, representou um sentimento de pertencimento e reconhecimento pelo seu trabalho ao serem convidados para este evento. A seguir, abordam-se os principais desafios enfrentados pelos catraieiros da associação.

### **Os desafios enfrentados pelos catraieiros**

A experiência da Associação dos Catraieiros de Alter do Chão, revela a força do empreendedorismo comunitário e solidário na construção de um turismo de base comunitária sustentável que tem esse cuidado com a valorização do território e com os saberes locais.

Manter essa tradição tem sido desafiador para os presidentes que por elas já passaram e continuam resistindo diariamente para manter suas atividades em meio à concorrência. Atualmente, os “lancheiros” (são, na maioria, homens que trabalham com embarcações motorizadas) que passaram a representar uma das principais formas de concorrência para os catraieiros, pelo fato dessa nova modalidade de serviço com mais de 200 lanchas ficarem muito próximas do local de embarque e desembarque de passageiros da catraia, prejudicando a travessia via catraia, por causa das ondas que se formam, e podem causar algum acidente com passageiros.

Além de tirar boa parte dos passageiros que antes iam mais por canoas, e agora preferem as embarcações motorizadas, tem gerado tensões, fazendo com que a categoria perca a visibilidade, e no período de seca, por exemplo, quando o nível das águas diminui, muitos catraieiros são obrigados a parar suas atividades, o que compromete ainda mais a sua renda.

Para o presidente da Associação, Sr. Antônio Sardinha:

*Um dos maiores desafios da associação é se manter viva dentro de uma história, com o crescimento desordenado das lanchas, sendo uma associação e a outra uma cooperativa em média de duzentas (200) lanchas “teoricamente legalizadas” e com isso, dois dos maiores desafios se encontra em afastar as lanchas de perto da área das canoas, e a outra é as cinquenta (50) lanchas clandestinas que chegam para fazer travessia que teoricamente essas lanchas são para passeio, também estão fazendo travessia e isso vai diretamente contra o nosso trabalho e a gente vê que isso é uma concorrência desleal com a associação dos catraieiros, além da poluição sonora, visual e poluição dos rios.*

Outro ponto crítico mencionado nas entrevistas é a exigência de novas pinturas nas canoas em tempos de eventos e de coletes salva-vidas exigidos pela Marinha do Brasil. Embora compreendam a importância da segurança, os catraieiros não recebem apoio financeiro para atender às exigências. Ainda assim, mesmo diante das limitações enfrentadas, mantêm as canoas em conformidade com as normas de segurança, assegurando a disponibilidade e o uso dos coletes em condições adequadas, conforme exigido para a realização das travessias. Muitas vezes, a única ajuda recebida da gestão municipal é a entrega de cestas básicas. Todos os equipamentos são comprados pelos catraieiros.

Além da sazonalidade do turismo ao longo do ano, outro desafio enfrentado pela categoria está diretamente relacionado às mudanças do rio ao longo do ano. Em determinados períodos, quando o rio está muito cheio, grande parte das praias desaparece e o fluxo de turistas diminui, o que dificulta a realização do trabalho, mas conseguem alguma renda ainda que pequena. Por outro lado, nos meses de seca, as canoas ficam paradas e, durante este período, os catraieiros ficam sem nenhuma renda e buscam trabalhar como pedreiro, garçom e cozinheiro, entre outras atividades.

Em abril de 2022, a Associação foi reconhecida pela Lei Municipal nº 21.490/2022 como Patrimônio Cultural de Natureza Material e Imaterial do município de Santarém-PA (SANTARÉM 2022). Apesar desse reconhecimento, isso ainda não se traduziu em melhorias concretas nas condições de trabalho da entidade. Frente a esse cenário, é importante repensar novas estratégias de políticas públicas para apoiar o turismo de base em territórios como Alter do Chão.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, este trabalho buscou descrever a experiência da Associação dos Catraieiros de Alter do Chão como uma prática de empreendimento turístico de base comunitária. A pesquisa evidenciou a importância e as dificuldades desse trabalho, que, desde 1980, contribui para o desenvolvimento sustentável de diversas famílias locais e para o fortalecimento do turismo no município de Santarém.

As entrevistas com representantes da associação revelaram o esforço contínuo dos catraieiros para manter a atividade diante dos desafios, como a falta de apoio financeiro e a concorrência desleal de embarcações de lanchas motorizadas clandestinas e de outras organizações, que atualmente funcionam com mais de 200 lanchas. Apesar das dificuldades, a associação permanece ativa, organizando o trabalho dos 100 associados e garantindo geração de emprego e renda.

Vale destacar que a atividade braçal, além de ser cansativa, expõe os catraieiros diretamente ao sol por mais 11h por dia, haja vista que muitos catraieiros precisam passar a semana na beira do rio fazendo travessia por não terem outra renda. No entanto, os catraieiros se sentem felizes por terem essa atividade como meio de sobrevivência e fazer parte da identidade cultural de Alter do Chão, sendo uma das principais atrações durante eventos tradicionais como o Sairé<sup>3</sup>.

A resistência e luta dos catraieiros demonstram o compromisso com o desenvolvimento sustentável, o respeito pela expressão cultural, pela tradição local e por manter viva essa prática comunitária muito importante para a economia local.

---

<sup>3</sup> Sairé é uma manifestação cultural que junta a religião e tradição baseada em cultura do povo indígena, afrodescendente e europeu, marcada por rituais e procissões.

## Referências

BONFÁ NETO, Dorival (2022). “The net-pulling; cooperation, collectivity and mutual help in images”, *GIS - Revista de Antropologia*, v.7, n.1: 1-36. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/190822>.

Acesso em: 11/11/2025.

BONFÁ NETO, Dorival; BARRETO, Isadora Natália & SILVA, Lucas Gabriel (2023). “O turismo em Maxaranguape (RN, Brasil): configuração, dilemas e propostas desde a Ecologia Política”, *Ar@cne*, v.27, n.277: 1-30. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/aracne/article/view/40357/39391>.

Acesso em: 03/08/2025.

DORNELAS, José Carlos Assis (2018). *Empreendedorismo: transformando ideias em negócio*. 6. ed. Rio de Janeiro: GENT/LTC.

HIERNAUX, Daniel (2006). “La Geografía del turismo”. In: HIERNAUX, Daniel & LINDÓN, Alice (Orgs.). *Tratado de Geografía Humana*: 401-432. Barcelona: Anthropos y UAM.

ICMBIO - INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (2018). *Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação. Princípio e diretrizes*. Brasília, DF: ICMBio.

MELO, Thiago Sebastião de & RODRIGUES, Milena Manhães (2024). “Aquilombar com a universidade: Apontamentos sobre turismo de base comunitária como elemento de fortalecimento de territórios quilombolas”, *Revista Latino-Americana De Turismología / Relat.*

NEPES - NÚCLEO DE PESQUISAS SOBRE ESPAÇO, POLÍTICA E EMANCIPAÇÃO SOCIAL (2025). *Relatório de autodemarcação da terra indígena Borari de Alter do Chão*. Santarém: Ufopa. 54 p. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/2544>.

Acesso em: 17/06/2025.

PIMENTEL, Cideme Costa (2011). *Associação dos Catraieiros no contexto turístico, sócio-político e econômico de Alter do Chão de 1997 a 2009*.

RIOS, Ana Paula & BARROS, Marina de Araújo (2021). *Entendendo os princípios do Turismo de Base Comunitária*. Secretaria do Meio Ambiente de São Luiz, MA.

SANTARÉM (2022). *Lei N° 21.490. Declara Patrimônio Histórico-Cultural Imaterial Do Município De Santarém, Os Catraieiros, Da Vila Balneária De Alter Do Chão*. Disponível em:

<https://transparencia.santarem.pa.gov.br/legislacao/leis/lei-no-21490-de-21-de-marco-de-2022-623dbca156ecc>.

Acesso em: 18/06/2024.

SILVA JUNIOR, N. G. da (2021). “Empreendedorismo e o desenvolvimento local”, *Anais do Simpósio Sul-Mato-Grossense de Administração*, v. 4, n. 4: 216-228.

ZANETONI, João *et al.* (2019). *Ecossistema do turismo de base comunitária: uma análise a partir dos negócios com impacto social em Corumbá-MS*. Curitiba.

### **Sobre os autores**

**Rosinete Santos dos Reis** possui graduação em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Pesquisadora em formação, integrante do grupo de pesquisa Direito à Cidade (UFOPA) em Santarém - PA, articuladora social com interesse em políticas públicas.

**Dorival Bonfá Neto** é Doutor em Geografia pela Universidade Nacional da Colômbia (UNAL, 2024), Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP, 2023) e Geógrafo (USP, 2018). É membro pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Espaço, Política e Emancipação Social (NEPES / UFOPA) e do Centro Avançado para o Desenvolvimento de Sistemas Alimentares Sustentáveis e Tecnologias Sociais da Amazônia (CASASTEC / IFPA). Atualmente é Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).